

NININ, Guerino - História do Hospital Lauro de Souza Lima.
Bauru, H.L.S.L., 1982. 16p.

HISTÓRIA DO HOSPITAL LAURO DE SOUZA LIMA

1 - BRASIL:

Sabemos por meio das cartas de Américo Vespúcio, Guilherme Pison, Padre Anchieta, e outros que os índios encontrados, no Brasil, época do descobrimento já eram portadores de diversas doenças. Entretanto, em nenhuma destas descrições, encontra-se algo alusivo à hanseníase. A conclusão a que se chega é que se a hanseníase não existia entre os índios ela foi importada pelos colonizadores ou pelos escravos. (1)

2 - DOCUMENTO:

Nós sabemos porém, quando ela foi introduzida no Brasil. O primeiro documento que comprova sua presença entre nós data 04 de novembro de 1,697, portanto cerca de 200 anos após o descobrimento. Este documento trata de um pedido da Câmara do Rio de Janeiro, suplicando a El Rei de Portugal, a instalação de um lazareto na Igreja da Conceição, justificando que "é grande o número de leprosos perambulando pelas ruas da cidade". (2)

3 - MAPA DO RIO DE JANEIRO:

O Mapa do Rio de Janeiro antigo, mostra na qualidrilátero a direita o morro da Conceição onde estava a Igreja solicitada pela Câmara e no círculo à esquerda, o morro de São Cristovão onde foi instalado em 1741 o Hospital dos Lázaros.

4 - IGREJA:

Hoje no Morro da Conceição, além da Igreja, está instalado o Palácio Episcopal.

5 - CASA JESUITAS:

No Morro de São Cristovão foi instalado em 1766 o Hospi

tal dos Lázaros e posteriormente tornou-se a casa dos Jesuítas.

6 - ESTADO DE SÃO PAULO:

No Estado de São Paulo, o mais antigo documento, comprovando a presença da hanseníase data de 1.765, no qual o Capitão Geral, Dom Luiz Antonio Botelho Mourão, solicita ao Conde de Oyeiras, providências porque, diz êle: "já não há nem ruas, nem praças, nem ribeiros, onde não se encontrem os miseráveis leprosos".

7 - O MAPA DE SÃO PAULO:

o primeiro documento que comprova ação oficial é datado de 1.820, pelo qual o Visconde de Oeynhausen manda executar um censo na Capitania de São Paulo, com o objetivo, diz êle: "de conhecer o número de Leprosos da Capitania",. Este censo ' falho porque algumas localidades, não forneceram os dados. Sua quase exatidão mostra que já era elevado, o número de Hanseníacos, principalmente no vale do Paraíba.

8 - 100 ANOS DEPOIS:

Quase 100 anos depois, em 1.907, o Dr. Gustavo de Oliveira Godoy, enviou um relatório ao Dr. Jorge Tibiriçá dizendo: "pelas estatísticas do serviço Sanitário, verifica-se que existe no Estado de São Paulo, cerca de 2.000 leprosos dos quais a maior parte não se acha convenientemente isolada nem percebe tratamento adequado", o que comprova a pouca eficácia das ações nesta área da saúde.

9 - ACAMPAMENTO:

Como se pode notar pelo teor dos documentos acima citados e também por inúmeros outros documentos da história, os doentes de lepra eram rejeitados pela sociedade. Uma vez perdida a chance do trabalho e da convivência social, tornavam-

-se mendigos, muitas vezes carregados de costumes anti-sociais. Acampavam às margens dos rios e beiras das estradas, transferindo seus acampamentos de tempos em tempos, como verdadeiros nômades. Pode-se notar que entre eles havia pesoa de posses, que possuíam até veículos auto-motores.

10 -CAVALEIRO:

A maioria andava à pé ou à cavalo, para esmolar e para fazer suas compras nas cidades. Por necessidades de mantê-los afastados, ou por piedade, organizavam-se sociedades filantrópicas que criavam lazaretos, alguns em boas condições, outros, muito precários, e neles internavam os doentes, levando-lhes alimentos e roupas, sempre com a condição de não saírem dali.

11 -ORIGEM DOS ASILOS-COLÔNIAS:

Na cidade de São Paulo, o governador geral Antonio Manuel de Melo Castro e Mendonça, votou uma verba em 20/04/1.799, para ser entregue à Irmandade da Santa Casa, para que esta a distribuisse em parcelas equitativas mensalmente, aos lázaros, mantendo-os em suas casas, até que se providenciasse solução mais adequada.

Em, 1.802 o governador França e Horta arrematou, com dinheiro da província, um terreno denominado "Olaria" e doou-o à Irmandade da Santa Casa para que esta providenciasse a construção de um hospital para os lázaros. O próprio governador contribuiu com a construção deste hospital, doando verbas da província e ajudando a organizar campanhas populares para conseguir donativos. Este hospital localizou-se à márgem esquerda do rio Tamanduatei, vizinho ao atual hospital militar. Ele nunca cumpriu sua finalidade pois, nele nunca estiveram internados mais que onze doentes, em condições muito precárias,

Em, 1.901 o Governo de São Paulo desapropriou a área, pois, com o crescimento da cidade, o hospital ficou inserido na área urbana, e eram frequentes as queixas dos moradores da vizinhança, sobre a permanência do Hospital. Este fato culminou com a inauguração, três anos após, do novo hospital em Guapira, no morro do jaçanã. Contemporaneamente a estes fatos foram se desenvolvendo outras iniciativas das quais se originaram o Asilo-Colônia Santo Ângelo em Mogi das Cruzes, construído em terreno da Santa Casa com a participação do Estado. Foi inaugurado em 03/05/1.928 e para lá foram transferidos os doentes do Guapira.

O Asilo-colônia Aimorés, resultante do Congresso das municipalidades da Noroeste, realizado em 25/09/1.927. O Asilo-Colônia de Cocais em casa Branca resultante do Congresso das municipalidades da Mogiana realizado, também em 1.927.

O Asilo de Pôrripitingui, em Itú, resultante do Congresso realizado das Municipalidades da região de Sorocaba e Campinas' realizado em 19.04.1929.

Comprado pelo Estado, por Sales Gomes, 1931, o Sanatório São Paulo, foi instalado como abrigo para leprosos e mais tarde transformado no Hospital Padre Bento.

12-O ASILO COLONIA AIMORÉS EM BAURU:

Em Bauru o mais antigo documento que pudemos encontrar, mencionando a preocupação da autoridades sobre o assunto da lepra data de 1917. Trata-se do relatório que o Dr. Vicente Figueira de Mello, enviou à câmara municipal, por ocasião da entrega do cargo de Prefeito Municipal. Escreveu ele textualmente. "Os leprosos não recebem conforto para seu mal incurável, nem são isolados para defeza dos sadios. O Asilo de Guapira recusa os enviados por falta de vaga", e propondo um plano de ação conjunta diz:- O melhor elemento para tal

plano será, sem dúvida, o concurso financeiro de todas as municipalidades, que conjuntamente com o Governo do Estado, favoreceriam a instalação de grandes leproserias, expurgando ' do seu território, os indivíduos, focos da moléstia, ai os recolhendo".

13- PELEGRINA:

Sobre a vida dos leprosos em Bauru, o historiador Gabriel Pelegrina, escreveu atravez do jornal da cidade de 08 de agosto de 1.976:- "Os portadores do mal de Hansen viviam nos arredores da cidade, organizados em acampamentos, quase sempre nas proximidades da Vargem Limpa, sendo que em grande número mantinha suas casas, às margens do córrego "Agua Comprida" , que passa perto do atual matadouro Municipal! "Os doentes vinham à cidade só para esmolar e fazer compras. Quando esmolavam, o faziam com canequinhas de folha ou de ágate, nos quais eram depositadas as moedas, faziam suas compras de preferência nas casas Ramos, quadra 09 da rua Batista de Carvalho; Savastano, Praça Rui Barbosa e Estrela, quadra 01 da rua Araujo Leite. Pagavam suas compras com dinheiro arrecado das esmolas, sempre em moedas. Estas eram recebidas pelos empregados das casas comerciais em bandejas, depois era submetido a rigorosa desinfecção, queimando-o com álcool. Por ocasião das festas de finados, postavam-se nas margens da estrada que levava ao cemitério, para esmolar". Hoje esta estrada está transformada na Rua 1º de agosto. A Sociedade Protetora dos Morféticos de Bauru, também tem sua história contada por Gabriel Pelegrina.

14- DÉCADA DE 20:

Pelos meados da década de 20 foi nomeado, para Bauru o delegado de Polícia, Dr. Vitor Breneissen, que não gostou do es

petáculo que aqui se deparava e iniciou um movimento para fundar uma sociedade Filantrópica com dois objetivos: procurar afastar da cidade os doentes e prestar-lhes ajuda nos próprios locais onde residiam, com fornecimento de alimentos, roupas e também algum dinheiro. Esta sociedade concretizou-se em 1926, com o nome de "Sociedade Protetora dos Morféticos de Bauru". Sua primeira diretora tinha Dr. Alipio Gonçalves dos Santos, na presidência e Sr. Nicola Avalone na tesouraria. Para cumprir seus dois objetivos, organizou às margens do córrego denominado Água Comprida, em área da Fazenda Violanta, um grupo de 10 casas e denominou-o "Asilo dos Aimorés". Este Asilo iniciou com um grupo de vinte pessoas e em 1.930 tinha internados 34 doentes e prestava também assistência médica. O mapa de Bauru, indica com um círculo menor o Asilo fundado pela Sociedade e com um círculo maior o atual Hospital Lauro de Souza Lima.

15- O POETA BAURUENSE:

O poeta Bauruense, Rodrigues de Abreu, que foi sócio fundador da Sociedade Portetora dos Morféticos, pertenceu à primeira diretoria, dias antes de partir para Campos do Jordão sabendo que nada mais tinha a perder pois, a tuberculose ceifava-lhe fatalmente a vida, proferiu veemente discurso, acusando em termos enérgicos a omissão das autoridades no tocante ao problema da tuberculose e da lepra. De seu discurso trazemos algumas frases:

16- OS CLAMORES:

Os clamores dos contristes e da imprensa conscienciosa, e os apelos dolorosos dos desgraçados doentes, têm sempre morrido contra o muro espesso que no Estado de São Paulo, isola o governo, do povo. Até Hoje não foi organizado em serviço oficialmente de profilaxia da tuberculose e muitos me

nos, da lepra. O que se tem feito, relativamente à realidade assustadora desses males é ridículo:- medidas irrisórias' de curandeirismo. Os artigos de Clemente Ferreira e o relatório dos diretores do Guapira, mostram o horror da situação. Tuberculose e lepra, motivos líricos. Finalizando seu discurso, alude à idéia da fundação do Leprosário Regional,' que estava ainda em embrião dizendo:- Não foi de estranhar, que não encontrasse eco no recinto da Câmara dos Deputados o discurso do Sr. Fernando Costa, encaminhando meu projeto de combate à lepra, apesar de ter sido um ponto alto e profundamente humano. É que ali o tumulto público político é enorme. O clamor dos interesses pessoais ensurdece. O Cantochão dos que entram num furor de insonia, as boas aos que mandam e desmandam é mais alto e poderoso do que todos os clamores, de utilidade pública. Mas teve eco, como veremos a generosidade do povo, que se prepara para defender-se.

17- DIÁRIO DA NOROESTE:

Ainda em 1.926, o jornal "Diário da Noroeste", dirigido pelo professor Jorge de Castro, precisamente no dia 14 de março, lançou na 1ª página seu programa de atividades para o ano. Entre os objetivos destacamos: "Promover um congresso geral. Entre eles: Assistência aos doentes e desamparados"

18- JUIZ DE DIREITO DE BAURU:

Três dias após o Dr. Rodrigo Romeiro, juiz de direito de Bauru, procurou o diretor do jornal, professor Jorge de Castro e propôs concretizar a idéia, colocando em primeiro plano a assistência aos morféuticos, com a construção de um grande leprosário regional. Duas semanas após, Dr. Rodrigo Romeiro iniciou pessoalmente o trabalho de convidar as municipalidades para se reunirem e darem início à construção do leprosário.

Um ano após Dr. Rodrigo Romeiro, havia terminado o contacto com todas as municipalidades da região, tendo recebido a resposta da totalidade, confirmando sua presença.

19 - PROFESSOR JORGE DE CASTRO:

Professor Jorge de Castro, lançou constantes apelos através do seu jornal, concitando todos à colaboração para que o congresso surtisse efeito. Destacamos no número de 16 de agosto de 1.927, um trecho onde diz textualmente: - "Ante o surto do terrível mal, há um remédio apenas, o isolamento do doente. Nós não temos assistência aos morféuticos, há apenas esforços particulares isolados, cheios de beleza mas de todo insuficientes".

20 - DIÁRIO DA NOROESTE:

O Congresso aconteceu aos 25 de setembro de 1.927, em salão da Sociedade denominada "Centro Bauruense", sob a presidência do Dr. Fábio Barreto, secretário dos negócios do Interior do Estado de São Paulo, com a participação de representantes dos seguintes municípios: - Araçatuba, Birigui, Glicério, Penápolis, Avanhandava, Pormissão, Lins, Cafelândia, Pirajui, Avai, Bauru, Agudos, Lençóis, Piratininga, Duartina e Bocaiuva. Participaram do Congresso, também Dr. Waldomiro de Oliveira, diretor do Serviço Sanitário e Dr. Aguiar Pupo, diretor do Serviço de Profilaxia contra a lepra.

21 - DIÁRIO DA NOROESTE:

O plano de ação ali aprovado, trouxe duas decisões de ordem prática: - 1ª todos os municípios presentes entrariam com a cota de 10% de suas rendas, nos anos de 1.928 e 1.929. 2ª - foi nomeada uma comissão para executar as obras do leprosário; e tomar medidas necessárias ao seu fim, como tam

bém entenderese com os governos do Estado e da união afim de solicitar e seu concurso e também assim anagariar do nativos com es particulares que desejam auxiliar a execução do grande ideal. Essa comissão ficou constituída do Sr. Dr. Rodrigo Romeiro, Presidente; Comendador Antonio José Leite, tesoureiro e todos os juizes de direito, das comarcas compreendidas na região.

Aos 15 de novembro do mesmo ano Dr. Rodrigo Roemiro comunicou oficialmente pela imprensa local, que a comissão havia adquirido um lote de terras de 400 alqueires próximo ao km 28 da Estrada de Ferro que liga Jaú a Bauru.

O plano do Asilo tramitou rapidamente pelos órgãos competentes do Estado e teve aprovação imediata. Incontinenti, as obras iniciavam-se chegando quase a concluir os dois primeiros pavilhões e a seguir pararam porque as municipalidades não saldaram o compromisso assumido no congresso. Durante quatro anos houve diversas tentativas por parte da comissão, para prosseguir as obras, mas não lograram êxito. As autoridades sanitárias do Estado também por diversas vezes ultimaram a comissão a retomar as obras, mas estas continuavam paradas por falta de recursos.

22 - LIGA DE SÃO LÁZARO:

Em, 1.931 a Sociedade Protetora dos Morféticos não mais existia, o Asilo estava paralizado e os doentes procuravam recursos para sua sobrevivência, através da mendicância. Foi então que organizou^{co} um grupo de pessoas idealistas e fundou nova Sociedade filantrópica denominada "Liga de São Lázaro", com duas finalidades principais: Prestar assistência aos Lázaros, mantendo-os afastados da cidade e contruir hospitais para os lázaros. Para incentivar seus sócios ao trabalho filantrópico, estava colocado acima da mesa da diretoria um cartaz com os seguintes dizeres

"Lembra-te o leproso é um exilado por tua causa".

23 - COFEE DA LIGA:

Para arrecadar donativos a Liga de São Lázaro, colocava nas entradas das casas comerciais pequenos cofres com fotografias das casas onde os doentes moravam. Neste mesmo ano as obras do Asilo foram confiadas à Liga de São Lázaro, mas na da mudou em relação à situação anterior. Por esta ocasião correu em Bauru o boato de que o Estado pretendia instalar um leprosário de emergência, no antigo posto de higiene.

Nota: O antigo Posto de Higiene estava construído em terreno da Santa Casa, hoje Hospital de Base. A imprensa local levantou-se contra o boato com muitos argumentos, os quais destacamos dois extraídos do Correio da Noroeste do dia 03 de julho de 1.931, diz êle:- "Pode afugentar os doentes que procuram a Santa Casa", e mais adiante diz:- "pode aterrar, os moradores da vizinhança e dar à cidade um aspecto triste". Alguns dias após, major Antonio Gonçalves Fraga, prefeito de Bauru, fora chamado a São Paulo para conferenciar sobre o andamento das obras do Asilo.

24 - PAULINO RAFAEL - Jornalista:

Desta conferência resultou que uma comissão composta dos Srs. major Antonio Gonçalves Fraga, -prefeito; Martin Barbosa - presidente da Liga de São Lázaro; Dr. Eneas de Garvalho Aguiar, -inspetor do Serviço de Profilaxia, contra Lepra e Paulino Rafael - jornalista, percorreu as 63 cidades signotárias do compromisso de construir o Asilo, para arrecadar as importâncias em atraso.

25 - COMISSÃO:

Nesta data uma comissão composta de voluntários lançou uma campanha denominada, "Campanha da Boa Vontade".

26 - CAMPANHA DA BOA VONTADE:

Campanha da Boa Vontade, realizando com os donativos uma grande Quermesse, em prol do Asilo, mas as obras não pros seguiram.

27 - SALES GOMES: 1931

Neste ano foi nomeado o Dr. Sales Gomes Junior, para dire tor do Serviço de Profilaxia contra a lepra, que decidiu ' incampar o Asilo para o Estado e retomar imediatamente a continuação das obras.

28 - VISTA ASILO:

Dois anos após o Asilo estava em condição de iniciar as in ternações.

29 - DR. ENEAS DE CARVALHO AGUIAR:

Dr. Eneas de Carvalho Aguiar, neste grupo encontra-se ao centro, usando botas, foi nomeado diretor do Asilo, e outros médicos que o acompanham fizeram treinamento para par ticipar da equipe clínica.

30 - ENFERMEIRAS:

Um grupo de doentes do Asilo Pirapitingui, veio para Ai-
morés para compor a equipe de enfermagem, ao qual poste
riormente se associavam outros internados.

31 - 1º GRUPO INTERNADOS:

Aos 13 de Abril de 1.933, finalmente chegou o primeiro gru-
po de internados, dando início às atividades normais. Dr.
Eneas, diretor do Asilo, declarou que somente seriam rece-
bidos os doentes dos municípios que tivessem saldado seu
compromisso. Neste caso Bauru não poderia internar seus
doentes. Professor José Guedes de Azevedo, presidente da

Liga de São Lázaro levantou-se contra a decisão através do Correio da Noroeste di dia 19/04/33, dizendo: "Outros municípios pagaram a cota integral mas a importância é menor do que aquela que Bauru já pagou. Os doentes de Bauru vieram, na maioria de municípios vizinhos. A Liga de São Lázaro já merou muito a população. A prefeitura promete pagar em breve o restante do compromisso. Bauru terá que conviver, daqui para frente com tão incômoda vizinhança. Apelo portanto para não recusar as internações".

32 - DR. SALES GOEMS JUNIOR:

Dr. Sales Gomes Junior, pretendia erradir o mal de Hansen do território paulista e para conseguir seu objetivo lançou mão de meios rigorosos para conseguir a internação de todos os doentes, mas este objetivo nunca foi atingido.

33 - MUDANÇA SÃO CARLOS:

Segundo Dr. Sales Gomes todos os doentes dos Asilos de iniciativa privada deveriam ser transferidos para os asilos do Estado, vemos aqui os doentes do Asilo de São Carlos, sendo transferidos para Bauru.

34 - QUEIMADA DO LAZARETO:

A maioria dos lazaretos e Asilos particulares foi queimada. Esta foto mostra a queima de um lazareto que se localizava próximo a Jaú.

35 - ASILO COLÔNIA AIMORÉS:

Após as primeiras internações o Asilo Colônia Aimorés, prosseguiu com a construção de outros pavilhões.

36 - VISTA GERAL:

E em, 1.936 já tinha quase as dimensões de hoje. Em, 1.938

tinha internados 996 doentes.

37 - VISTA GERAL DO ASILO:

Para que o maior número possível de doentes procurasse o Asi
lo por iniciativa própria, o Estado procurou dar aos inter
nados, o maior conforto possível.

38 - ENFERMARIA:

Sobre a extinção da Liga de São Lázaro, sabemos que teve reu
nião programada para 14 de março de 1.936, para deliberar so
bre este assunto, dois dias antes da reunião, Jesus Gonçal
ves, líder dos internados de Aimorés, escreveu em "O Momen
to" jornalzinho de circulação interna, um artigo onde sugere
que, extinta a liga, seu patrimônio seja doado à Caixa Bene
ficente do Asilo, uma vez que este patrimônio foi formado em
nome do doente de lepra.

39 - Entrando pela portaria.

40 - AVENIDA: Podiam ser vistas as belas avenidas, bem cuidadas.

41 - Os jardins.

42 - 43 - As praças de esportes.

44 - O Cassino.

45 - Onde se realizam^{va} frequentemente, festas, bailes e teatros.

46 - VENDEDORAS: nos Bailes e teatros.

47 - Jesus Gonçalves, fim da Liga de São Lázaro.

48 - A "CAIXA BENEFICENTE":

A "Caixa Beneficente", administrada pelos próprios internos, atualmente denominada "Sociedade Dr. Eneas de Carvalho Aguiar", fundada em 1.933 tinha a finalidade de distribuir aos internados mais necessitados, os donativos vindos das ofertas do povo.

49 - Durante muitos anos os hansenianos tiveram a figura amiga e dedicada Dona Prosperina Silveira de Quierós, para ajudá-los a organizar suas festas de Natal, carnaval, juninas e quermesses, trazendo-lhes sempre valiosa colaboração de donativos oferecidos pelo povo de Bauru. No slide Dona Prosperina, encontra-se à esquerda, junto com seu marido.

49 - ROÇA:

Organizou também atividades para os doentes que tinham melhores condições de saúde, desenvolvendo atividades agrícolas de hortas, pomares e reflorestamento.

50 - GRANJA:

Criação de aves e animais de médio e grande porte.

51 - ÍNDIO:

Industria de guaraná, sabão e tipografia. Estes produtos eram compradas pelo Estado para serem utilizados na alimentação dos próprios internos.. Com o resultados econômico destas atividades a Caixa Beneficente formou em pouco tempo um grande patrimônio que foi posteriormente aplicado em benefício dos próprios doentes.

52 - REVISTA LEFRA:

Mas apesar de tudo isto as apresentações voluntárias para internação nunca existiram, pelo contrário, as fugas eram frequentes, e a guarda armada munida de cães de caça sem

pre conseguia impedir a fuga ou capturar os fugitivos. No ano de 1.934, fugiram 65 doentes. (Inspetoria da profilaxia da lepra.) Resumo do ano de 1.934-Revista de leprologia de São Paulo, volume 2 página 56.

53 - PORTARIA ANTIGA:

O Asilo dividia-se internamente em área sadia, onde podiam entrar os funcionários de saúde e as visitas. A portaria interna, que vemos aqui, dava acesso à área reservada exclusivamente para doentes.

54 - PARLATÓRIO:

Junto à portaria interna localizava-se o parlatório onde os familiares e amigos podiam conversar com os internos doentes, através de uma grade.

55 - PORTARIA ATUAL:

Em, 1.945 os doentes não aceitavam mais esta divisão que os colocava como que numa prisão e num ato de revolta destruíram o parlatório e a portaria interna, criando acesso posteriormente foi construída a portaria interna, totalmente aberta, onde se pode ver ainda uma parte do muro baixo do antigo parlatório.

56 - ARCO -PRAÇA DE ESPORTES:

Nesta mesma revolta de 45 os doentes derrubaram o arco através do qual se entrava na praça de esportes, e.

57 - ÍNDIO: Em seu lugar posteriormente foi levantada a estátua do índio Aimorés.

58 - CHARRETE:

Em, 1.946, com o uso da sulfona como medicamento eficaz na cura da Hanseníase não mais havia necessidade de manter o doente isolado. Pensou-se então em interna-los apenas para tratamento visando a alta. Com a lei dec. 50, o Asilo Colônia Ai-

morés", passou a denominar-se "Sanatório Aimorés", mas sua vida interna pouco mudou.

59 - Em 1.974, com a lei 250 o "Sanatório Aimorés, foi transformado em Hospital Lauro de Souza Lima, para tratamento das diversas dermatoses de interesse sanitário. Iniciou-se nesta fase a tentativa de imprimir ao Hospital um dinamismo idêntico ao de outros hospitais gerais. Para que este objetivo fosse atingido mais eficientemente procedeu-se oficiosamente em 1.976, a divisão de Hospital em dois setores:

1ª - O setor Hospitalar propriamente dito onde o objetivo é aprimorar sempre mais o atendimento ao doente hospitalizado, visando sua alta hospitalar, o mais breve possível.

60 - 2ª - O setor social onde permanecem os internados que não necessitam de cuidados hospitalares. Este setor funciona oficio samente como se fosse uma pequena cidade desligada do hospi tal. Nele foi instalado oficiosamente um centro de saúde com atendimento médico, de enfermagem, de serviço social e de Edu cação em saúde.

Quando indivíduos nele internados apresentam problemas de saú de que inspiram maiores cuidados, estes são encaminhados para o hospital.

61 - Um dos objetivos do Setor Social é reintegrar na Sociedade os indivíduos nele internados, com vistas à sua desativação.

62 - Desde sua instalação em 1.976 até hoje, ¹⁹⁸²⁻ o setor Social já rein tegrou na Sociedade cerca de 50% de sua população.

.....